



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO DO CAPITAL: AS CRÍTICAS, AS CONTRADIÇÕES E AS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA.

Bruno Dandolini Colombo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as tendências de desenvolvimento do esporte, suas principais características, críticas e contradições referentes ao fenômeno esportivo como uma das possibilidades de expansão do capital e suas implicações para a Educação Física. Adotamos como procedimento de pesquisa os estudos bibliográficos e documentais. Identificamos os megaeventos esportivos como importante manifestação social para a acumulação de capital. Essa identificação deu-se, principalmente, na apreensão de alguns conceitos, em Harvey, tais como: renda monopolista e capital simbólico coletivo. Destacamos a necessidade, no âmbito da formação de professores, na profissão de atleta e no ensino do esporte na escola, do acesso das múltiplas relações do esporte no capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Expansão capitalista; esporte; educação física.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o objetivo de analisar de que forma se configura o esporte como estratégia de expansão do capital e sua influência para a Educação Física. Para responder este problema, tornou-se necessário compreender a dinâmica do capital e suas estratégias de expansão, para, assim, identificar o esporte nessas estratégias.

O esporte é atualmente um dos fenômenos sociais mais presentes na vida dos indivíduos. Torna-se praticamente impossível negar sua manifestação no cotidiano destes.

Ele se faz presente sob as mais variadas alegações dos mais irrealistas discursos e intervenções da ideologia neoliberal, que deposita também no esporte – além da educação, da saúde, etc. – o caminho da cidadania. Para isso utiliza-se de jargões e ações que enfatizam o esporte como: salvacionista das mazelas sociais; instrumento de inclusão e ascensão social, vida; saúde, etc. Esses calões estão embasados numa ciência positivista casada com o dinamismo do senso comum. Estes, por sua vez, se relacionam e se efetivam, dialeticamente, em políticas públicas que interferem diretamente na vida e, logo, na formação dos seres humanos numa perspectiva de acomodação e, conseqüentemente, aceitação da realidade do



capital. Nessa perspectiva existe certa posituação do esporte, uma sensação de que “o esporte pode tudo”.¹

Assim, esporte é uma atividade que no mundo capitalista se torna mercadoria e/ou veículo de divulgação de outras mercadorias, portanto, participa das transformações do mundo do trabalho e do capital, com novas formas de acumulação e extração de mais valia.

Os megaeventos esportivos (ou megaespectáculos) representam a complexificação das relações do esporte na esteira do capitalismo. O espetáculo é, portanto, “o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social. Os megaeventos esportivos, através da mercadoria esporte, torna os consumidores reais em consumidores de ilusões, melhor dizendo, a mercadoria é uma ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (PIRES; SILVA, 2009, p, 12 – 13)

O QUE É O CAPITAL E SUA EXPANSÃO?

Nos reportamos, principalmente a Harvey, mas também Meszáros e a Marx, para compreender a dinâmica expansiva do capital. Pela complexidade de detalhamento que essa pergunta exige, pela própria complexidade do capital, pedimos licença, para num esforço de síntese, apontarmos elementos importantes da característica expansiva do capital.

Sabemos dos inesgotáveis conceitos que deve-se apropriar para análises precisas, mas acreditamos que o que será apresentado deva ser momentaneamente suficiente para as análises posteriores sobre a identificação do esporte nas estratégias de expansão do capital.

Assim, afirmamos que o sistema sociometabólico do capital se constitui por uma rede de contradições que assevera sua natureza destruidora, incontrollável e incorrigível. Na raiz dessas contradições, encontra-se o antagonismo inconciliável entre capital e trabalho, sendo que este último, na condição capitalista de produção, encontra-se subsumido ao primeiro. (MESZÁROS, 2003)

Pelo trabalho produz-se riqueza (valor de uso). Essa é condição indispensável para a existência do ser social. Na especificidade do sistema sóciometabólico do capital, o valor de uso é, ao mesmo tempo, valor de troca.

O produto do trabalho e a venda da própria força de trabalho, a mercadoria, é, portanto, no capitalismo, ao mesmo tempo, valor de uso e valor de troca. Nesse caráter

¹ Ver em Oliveira (2013).



contraditório, a mercadoria traz consigo dupla forma: é objeto de satisfação humana e porta valor.

O poder da mercadoria avulta na medida em que a circulação da mercadoria se desenvolve. É, por isso que se pode ratificar que circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital.

O possuidor do dinheiro, o capitalista, vai ao mercado e compra, de um lado, os meios de produção pelo seu valor e, de outro, a força de trabalho, pagando também seu exato valor. O consumo do valor de uso da força de trabalho, que se efetiva quando esta consome os meios de produção, resulta na criação de uma mercadoria, *propriedade (grifos meus)* do capitalista, que vai vendê-la pelo seu valor. A produção da mais-valia pressupõe o cumprimento do fundamento primordial do mercado, a troca das mercadorias pelo seu valor, quer dizer, a troca igualada entre proprietários de mercadorias, tendo em vista que, nesta relação de igualdade, a **força de trabalho**, e somente ela, tem a propriedade de produzir valor e, ademais, *valor excedente (grifos meus)* com relação a seu próprio valor, qual seja, mais-valia. Por meio da troca da mercadoria força de trabalho e da produção da mais-valia, o mistério finalmente foi revelado. Dinheiro transformou-se em capital. (TUMOLO. 2005, p. 249 - 250)

É esse movimento constante e incessante de valorização do valor que o capital produz e reproduz. É nessa relação, que o capital se engendra.

Ele necessita, portanto, por sua própria organização interna, se expandir. Essa expansão é orientada pela acumulação. (MESZÁROS, 2003)

A expansão do capital depende e pressupõe:

1. A oferta de força de trabalho, ou seja, um exército de reserva;
2. A oferta de meios de produção cada vez mais sofisticados;
3. A existência de mercado capaz de absorver adequadamente as quantidades crescentes de mercadorias.

Os três aspectos acima são produzidos pelo próprio capitalismo e, caso aconteça certo descompasso entre eles, ou uma tensão em um deles culminará em crises. Marx, (2011, p. 508), aponta que

(...) nas crises – após o momento de pânico – no período da estagnação da indústria, o dinheiro é fixado nas mãos dos banqueiros, corretores de títulos, etc., e assim como o cervo grita por água fresca, o dinheiro grita por campo de aplicação para que o capital possa ser valorizado”.



São várias as formas e as estratégias de superação das crises para um novo nível de acumulação: Expansão geográfica, Renda Monopolista, Capital Simbólico Coletivo, Desenvolvimento da Ciência, Meios de Comunicação, entre outras.

A *Expansão geográfica* parte da necessidade, pela organização interna do próprio capital, de expansão das mercadorias a fim de constituir e consolidar mercados em novas regiões e nelas acumular capital. Utiliza-se dessas regiões, principalmente, da mão de obra barata, para a extração da mais valia. Como exemplificação, podemos destacar as redes de comidas rápidas: Subway, Mac/Donald, etc.

A *Renda Monopolista* é, de acordo com Harvey (2005, p. 222) a renda oriunda do poder de monopólio do capitalista ou conjunto de capitalistas que detêm o controle exclusivo sobre alguma atividade, localidade ou item “comercializável, que é, em alguns aspectos, crucial, único e irreplicável”.

O Capitalismo não pode sobreviver sem poderes monopolistas e busca incessantemente maneiras de reunir tais poderes. Para enfrentar as resistências de ordens geográficas e políticas diplomáticas, criadas por sua própria natureza contraditória no processo de expansão, o Capitalismo tende a centralizar o capital em megaempresas ou estabelecer fortes alianças para dominar o mercado. (HARVEY, 2005)

A Renda Monopolista acontece quando um capitalista ou grupo de capitalistas controla algo e aumenta seu fluxo de renda por muito tempo, seja um recurso natural, mercadoria, local ou algo produzido.

Harvey (2005) apresenta as negociações do vinho que vão além da produção, mas que pela sua elevada qualidade (tempo, clima, regularidade da chuva, a utilização de determinado fungo, adubo, etc) articulada com o envolvimento cultural, busca rendas monopolistas.

Uma categoria de acumulação de capital oriunda do conceito de Renda Monopolista é o *capital simbólico coletivo*. De acordo com Harvey (2005, p. 233) O capital simbólico coletivo é:

O poder dos marcos especiais de distinção vinculados a algum lugar, dotados de um poder de atração importante em relação ao fluxo de capital de modo mais geral. [...] O capital simbólico coletivo vinculado a nomes e lugares como Paris, Atenas, Nova York, *Rio de Janeiro (grifos nossos)*, Berlim e Roma é de grande importância, conferindo a tais lugares grandes vantagens econômicas em relação a, por exemplo, Baltimore, Liverpool, Essen, Lille e Glasgow.

O autor acrescenta que na atualidade,

A governança urbana se orienta principalmente para padrões locais de investimentos, não apenas em infra-estruturas físicas, como transportes e comunicações, instalações portuárias, saneamento básico, fornecimento de água, mas também em infra-estruturas sociais de educação, ciência e tecnologia, controle social, cultura e qualidade de vida. O propósito é gerar sinergia suficiente no processo de urbanização, para que se criem e se obtenham rendas monopolistas tanto pelos interesses privados como pelos poderes estatais. (HARVEY, 2005, p. 232)

Harvey (2005) dá exemplo de capital simbólico coletivo à cidade de **Barcelona**, que vivia uma crise econômica, e se utilizou da cultura e tradições da região da Catalunha, para atrair investimentos capitalistas. Inclusive sediou as Olimpíadas de 1992.

Outro conceito que destacamos no processo de expansão do capital é o do *desenvolvimento da ciência*, como uma das categorias para o desenvolvimento das forças produtivas. Intensifica-se o processo de produção capitalista e, portanto, a valorização do valor, com a criação de novas e cada vez mais sofisticadas tecnologias. Destacamos o avanço nas tecnologias da internet, de comunicação, novas tecnologias na construção civil, os meios de transportes, dos conhecimentos da medicina, dos conhecimentos da biomecânica e das tecnologias para o esporte de rendimento, etc.

Os meios de comunicação também são estratégias para a expansão capitalista. Harvey (2005) destaca a indústria de comunicação como forte acumuladora de valor; no processo de expansão do capital, a indústria de comunicação produz valor no ato de levar o produto para o mercado e este se inserir no processo de produção. A mercadoria é consumida ao mesmo tempo em que é produzida. Os meios de comunicação são essenciais para o processo de acumulação de capital, mais ainda quando se barateia tal função por meio da diminuição do tempo de suas efetivações. Dessa forma, há uma quebra dos limites espaciais pelo tempo.

O modo capitalista de produção fomenta a produção de formas baratas e rápidas de comunicação e transporte, para que “o produto direto possa ser realizado em mercados distantes e em grandes quantidades”, ao mesmo tempo em que novas “esferas de realização para o trabalho, impulsionados pelo capital” podem se abrir. Portanto, a redução nos custos de realização e circulação ajuda a criar espaço novo para a acumulação de capital. Reciprocamente, a acumulação de capital se destina a ser geograficamente



expansível, e faz isso pela progressiva redução do custo de comunicação e transporte (HARVEY, 2005, p, 50)

Assim, “qualquer redução no tempo de circulação aumenta a produção do excedente e intensifica o processo de acumulação. O aumento da velocidade de circulação do capital contribui para o processo de acumulação”. (HARVEY, 2005, p. 50)

Harvey destaca que “até a distância espacial se contrai em relação ao tempo: o importante não é a distância do mercado no espaço, mas a velocidade [...] pela qual o mesmo pode ser alcançado”. (HARVEY, 2005, p. 50-51)

Após a conceituação das referidas estratégias de expansão do capital, situamos neste debate o esporte.

O ESPORTE NAS ESTRATÉGIAS DE EXPANSÃO DO CAPITAL

Identificamos, com esses estudos, que há, praticamente, a absorção do esporte pelas estratégias de expansão do capital abordadas anteriormente. É o que apresentaremos nesse momento.

Iniciamos a partir da análise da condição do esporte como mercadoria. Assim, com a espetacularização do esporte, ou seja, com a transformação dessa manifestação cultural em mercadoria, constituiu-se, ao longo do processo histórico, uma cadeia produtiva que envolve na atualidade os mais diversos e específicos segmentos produtivos. Empresas de marketing, de produtos de materiais esportivos, da construção civil, dos meios de comunicação, dentre outras, compõem, em relação dialética, um importante campo de produção de mais-valia.

Como a maioria dos trabalhadores, o esportista também se vê levado a vender sua força-de-trabalho, como única possibilidade de produzir sua subsistência atuando no trabalho que sabe fazer, envolvido com o esporte. Vende para o capitalista sua **força-de-trabalho** nessa área, que sob condições especiais, pode apresentar um desempenho necessário para o processo produtivo. A força-de-trabalho do esportista se apresenta de diversas formas, a partir da qualificação que possui. Diferentemente do que se tinha há algum tempo atrás, quando era limitada à figura do atleta e do treinador, hoje se encontram os mais variados profissionais, como o massagista, o preparador físico, o psicólogo, o médico e o administrador. Há também outros profissionais mais distantes do fenômeno, mas não menos numerosos e que fazem dele (o esporte) a fonte de seu trabalho, como: o sociólogo, o comentarista, o empresário, o pesquisador e o árbitro, entre outros. (SILVA, 1991, p. 52, grifo do autor)



Com essa complexificação, torna-se difícil – e ao mesmo desafiador – apontar os trabalhadores do esporte e classificá-los quanto à eficiência e à eficácia desses agentes na produção de mais-valia. Em meio às tantas funções, apontamos, brevemente, que o atleta (o esportista) é um dos principais elementos de produção da mais-valia.

O atleta movimenta boa parte dessa cadeia produtiva. Sem o atleta altamente qualificado, não há espetáculo. Sem espetáculo não se articula toda essa cadeia produtiva, de produção de materiais esportivos, de venda de ingressos, de atividades de marketing, de redes televisivas, de patrocinadores, de construtoras, dentre muitos outros.

[...] É nesse ponto que um grande clube de futebol já não se parece com o circo local, mas com uma empresa global de entretenimento, como por exemplo, a Walt Disney. De fato, a Disney utiliza seus personagens (Mickey Mouse, por exemplo) para produzir conteúdos audiovisuais, vender camisas ou parques temáticos. O Manchester United não tem o Mickey Mouse, mas tinha o David Beckham, com o qual vender muitos programas de televisão (partidas), camisas e bonés, transformou o Estádio de Old Trafford em um lucrativo parque temático. (SOREANO, 2010, p. 22)

Na atualidade David Beckham é dono de uma franquia da Major League Soccer (MLS), a liga estadunidense de futebol de campo. Sua pretensão, assim como de toda liga, é fortalecer o Futebol nos Estados Unidos, país mais poderoso do capital. O astro inglês e agora empresário em solos do Tio Sam demonstrou interesses reais de contratar o atual melhor jogador do mundo da modalidade: o português Cristiano Ronaldo. O brasileiro Kaká é um dos astros da MLS. Jogador do Orlando é uma das apostas para a luta incessante dos Estados Unidos em incorporar o futebol nas motivações e nos interesses – de consumo principalmente - do seu povo ao esporte mais popular do mundo.

Este movimento de absorção do esporte pelo capital ecoa na importante competição estadunidense: National Basketball Association (NBA). No ano de 2015 a NBA anunciou recorde de atletas estrangeiros. Também há negociação da NBA com outras ligas de basquetebol por todo o mundo, inclusive no Brasil, para difundir o esporte e obviamente, lucrar. Mais adeptos, mais consumos. Maior visibilidade do esporte em todo o mundo, maior possibilidade de vendas de camisas e tênis dos grandes ídolos do esporte.

A necessidade de *expansão capitalista* do esporte pelo mundo também concentra-se na lógica dos megaeventos esportivos. O próprio Estados Unidos, em 1994, utilizou-se desta lógica para tentar afirmar a mercadoria futebol em seu território sediando a Copa do Mundo.



Esse processo de expansão do capital por meio das políticas dos megaeventos esportivos se consolidou. De acordo com Taffarel e Figueiredo (2013, p. 149)

A decisão de realizar os megaeventos esportivos na América Latina, em especial no Brasil, está associada aos interesses econômicos e de controle do imperialismo, expansão de mercado, frente à crise financeira instalada na Europa e nos Estados Unidos.

Outro conceito que apresentamos em relação com o esporte é o da *Renda Monopolista*. Ela parece não esquecer o esporte e nem poderia. Grandes empresas (instituições) foram constituídas ao longo do processo de expansão do capital, com o intuito de controlar determinada prática esportiva e ditar as regras, tanto às regras do jogo propriamente dito quanto às regras do mercado, embora, na grande maioria das vezes, as do jogo encontrem-se subsumidas às do mercado.

No Brasil, o monopólio mais expressivo em termos de esporte na atualidade é o futebol, por intermédio da FIFA, organizadora da Copa do Mundo de Futebol, que nesse ano aconteceu no Brasil, e do próprio COI – Comitê Olímpico Internacional, que organiza os Jogos Olímpicos.

O monopólio da organização do esporte, do COI, na mercadoria Olimpíada, e da FIFA, na mercadoria futebol, enquadra-se na estratégia capitalista da *renda monopolista*.

A FIFA e o COI apresentam-se como fortíssimas empresas capazes de controlarem a organização de “suas” mercadorias - Futebol e Esportes Olímpicos – através de competições, a fim de determinarem suas expectativas econômicas, ditarem as regras do comércio e dos gastos, inclusive, nos países-sede.

Referente ao conceito do *Capital Simbólico Coletivo* articulado a lógica esportiva, situamos o *Rio de Janeiro*. A cidade foi escolhida para sediar dois megaeventos esportivos: a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, em 2014, em que foi palco, através do histórico Estádio do Maracanã, da grande final; e sediará os Jogos Olímpicos de 2016. Sua escolha, certamente, incide sobre seu potencial turístico, que apresentam lugares exuberantes internacionalmente conhecidos, tais quais: praia de Copacabana, Pão de Açúcar, Corcovado, próprio Maracanã, e de eventos importantes, como o Carnaval. Além de ser reconhecido mundialmente como cidade do país do futebol e do samba.



Essas características, tradições históricas e culturais do Rio de Janeiro propiciaram a acumulação de capital simbólico e marcos de distinção que permitiram colocá-la como cidade mercadoria e potencial organizadora desses Megaeventos Esportivos.

Referente aos *meios de comunicação* no esporte percebe-se que o espaço para acumulação de capital é quebrado pelo tempo quando a televisão, como a grande protagonista, transmite os jogos ao vivo a vários lugares do mundo e ao mesmo tempo.

Reproduz-se um único espetáculo esportivo para bilhões de pessoas simultaneamente. (SILVA, 1991). Destacamos recentemente a transmissão da Copa do Mundo de Futebol que atingiu recordes de audiência em todo o mundo.

Os investimentos nesses eventos geram acumulação de capital, à medida que a dinâmica de distribuição (circulação) do produto – megaeventos – quebra a barreira do espaço pelo tempo de transmissão e, conseqüentemente, produz e consome a mercadoria de forma concomitante. Fica mais fácil de entender, a partir daí, os interesses dos capitalistas das mais diversas áreas – indústria cervejeira, alimentícia, de carros, bancos, etc. - em adentrar no jogo dos espetáculos esportivos, perspectivando aumentar seus lucros, mesmo porque, no sistema atual, “lucro e juros são formas de mais-valor” (MARX, 2011, p. 536).

Destacamos também o *desenvolvimento da ciência* como uma das categorias para a configuração atual do esporte. As conquistas científicas proporcionaram o aperfeiçoamento da técnica e da tecnologia necessários para o atendimento à lógica capitalista. Conforme as forças produtivas se constituíam e se tornavam mais complexas e o sistema capitalista se consolidava, o esporte também foi se desenvolvendo e, além disso, ampliando seu campo de atuação e de abrangência.

A ciência, por meio do esporte, cumpre um papel essencial para o processo de acumulação do capital. Ela se detém no aumento da produtividade do atleta e dos trabalhadores do esporte, a fim de aumentar seu rendimento e atratividade junto ao consumo, na objetividade do esporte espetáculo. A ciência vai se aperfeiçoar e se comprovar nos treinamentos esportivos. Este, então, necessita da articulação com as ciências, para garantir o rendimento da cadeia produtiva como um todo. O rendimento apresentado pelo atleta no dia do espetáculo é uma das principais preocupações desse movimento produtivo do capital. (SILVA, 1991)

Destacamos a atuação da ciência, também, na fruição estética, ou seja, na beleza do espetáculo; na busca, através dos treinamentos, das melhores e mais belas formas de execução



de determinados movimentos. Na busca, interminável e inesgotável, do recorde, utilizando de tecnologias para tal. A ciência na própria recuperação de atletas, após uma lesão pela mesma busca do tão almejado recorde.

Identificamos todas essas estratégias da expansão capitalista materializadas nos megaeventos esportivos, assim como, em relação dialética, esses as mobiliza. Então, apresentamos, nesse momento, a *estratégia síntese*: A política dos Megaeventos esportivos.

Percebemos que o que predomina na forma contemporânea na expansão do capital no esporte são os megaeventos esportivos. Compreendo o megaeventos esportivo de uma forma mais alargada em relação ao exposto pela mídia e via de regra na academia. *Não apenas Os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol*. Nos megaeventos esportivos está presente a explicitação do mais alto nível naquelas modalidades do ponto de vista da tecnologia, da técnica, da tática, do desempenho, na criação de novos produtos, etc. Penna (2011) aponta a estratégia do imperialismo capitalista de aceleração do processo de acúmulo de capital por meio da política dos megaeventos esportivos.

Apresentamos outros importantes megaeventos esportivos para o processo de expansão do capital: Volvo Ocean Race; X Games, Red Bull Air Race, Jogos Olímpicos de Inverno, Paraolimpíadas, Universíades, Jogos Mundiais da Juventude, Artes Marciais Misturadas (MMA) – UFC, Fórmula 1, Paris Dakar, Grand Slam de Tênis (ATP), Tour de France (Ciclismo), Masters de Golf, além dos mundiais de modalidades esportivas e demais eventos da cultura corporal.

A partir do que foi exposto, nos cabe apresentarmos, então, as implicações do esporte na Educação Física.

AS IMPLICAÇÕES DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na atualidade, a Educação Física encontra-se praticamente na mesma condição de sua formação: a de cumprir o papel de educar para a produção capitalista e para a pátria. Ambos, na atualidade, subsumidos a lógica de expansão do capital.

Taffarel e Figueiredo (2013, p. 149), acrescentam “que o maior interesse ideológico associado ao esporte hoje é a de formar uma legião de consumidores, que não medem esforços para comprar a camisa do seu clube, um tênis da Nike, comprar ingressos para uma partida de futebol, etc.” (TAFFAREL E FIGUEIREDO, 2013, p. 149)



A escola é um dos locais de afirmação dessa condição. As aulas de Educação Física vem reforçando a lógica de expansão do Capital, quando nela não se concretiza um questionamento sobre a realidade. Esse questionamento necessita de uma base sólida. Acreditamos que a encontramos, na atualidade da Educação Física, na proposta teórico metodológica Crítico Superadora.

O conhecimento tratado pela Educação Física nesta tendência é o da Cultura Corporal expresso no direito de acessar, de forma histórica e crítica, o acervo de práticas corporais culturalmente construídas pela humanidade, portanto o direito a adquirir conhecimentos como jogo, esporte, dança, ginástica, capoeira e outros. (COLETIVO DE AUTORES. 1992)

Acreditamos, que as múltiplas determinações que compõe o universo do esporte, inclusive, as determinações que o garante nas estratégias de expansão do capital, vistas aqui, devem ser exteriorizadas nas aulas de Educação Física, salvaguardando os princípios curriculares no trato com o conhecimento e os ciclos de escolarização, apregoados pela tendência que nos embasa.

Acreditamos que a explicitação e a problematização das questões referentes a mídia contribuem para a compreensão do esporte nesse processo de expansão capitalista. A utilização de mecanismos eletrônicos, como a câmera fotográfica, para filmar em câmera lenta para demonstrar a ampliação da espetacularização, para assim perceber, a título de exemplo, a marca Red Bull no pano de fundo e para editar informações, a ponto de ter o poder de manipulá-las, são dois exemplos que, previamente e a propósito deste trabalho, apresentamos.

Defendemos também a importância das problematizações nas aulas de Educação Física sobre os níveis de exclusão colocados pelos marcos do esporte de rendimento, do ponto de vista das condições físico-cognitivas aos aspectos cultural financeiro. Quem pilota avião? Quem consegue ser sócio do clube de tênis e de golfe? Quem pilota um fórmula um?

Na formação de professores, percebemos o predomínio desta tendência quando há um desequilíbrio entre a natureza das disciplinas, cada vez mais pragmáticas e voltadas a uma imitação do rendimento e uma diminuição da perspectiva sociológica, problematizadora e crítica da prática e da realidade da área. Se na formação profissional o professor não adquirir e acessar as possibilidades de estudar o Capital e seu desenvolvimento, a fase atual de seu desenvolvimento e a crítica da relação entre esporte e expansão do Capital não terá



possibilidade de desenvolver em suas aulas o pensamento teórico sobre o esporte e demais elementos que compõem a cultura corporal.

Na profissão de Atleta esta expansão também influencia, hierarquizando cada vez mais as relações, com menos direitos trabalhistas e se firmando dentro da lógica de trabalhador flexível. Alguns/poucos jogadores chegam ao pódio, tem bons salários e ganham muito com a venda de um mito e de sua imagem, passando a ilusão aos jovens que todos podem ser um atleta profissional com bom futuro.

Essas reflexões nos parecem importantes para o desvelamento da realidade do capital. Cabe na Educação Física a afirmação da Cultura Corporal, na sua totalidade, para a contribuição ao projeto revolucionário.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze sports development trends, their main features, reviews, and contradictions regarding the phenomenon of sports as a strategy of capital. We adopted bibliographic and documentary studies as a research procedure. We identify the largest sporting events as important for the accumulation of capital. That identification was based mainly on the apprehension of concepts by Harvey, such as: income monopoly and collective symbolic capital. We highlight the need, in the training of teachers in the profession athlete and sport education in school, access the multiple relationships of the sport in capitalism.

KEYWORDS: *Capitalist expansion. Sports. Physical education.*

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar las tendencias deportivas de desarrollo, sus principales características, críticas y contradicciones relacionadas con el fenómeno deportivo como una de las posibilidades de expansión del capital y sus implicaciones para la Educación Física. Adoptamos como un procedimiento de investigación bibliográfica y estudios documentales. Identificamos los grandes eventos deportivos como un evento social importante para la acumulación de capital. Esta identificación se llevó a cabo principalmente en la incautación de algunos conceptos en Harvey, como la renta de monopolio y el capital simbólico colectivo. Destacamos la necesidad de que en la formación de profesores en el deportista profesional y el deporte la educación en la escuela, acceder a las múltiples relaciones de este deporte en el capitalismo

PALABRAS CLAVES: *La expansión capitalista. Deportes. Educación Física.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.



HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica à economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MÉSZÁROS, I. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEIRA, V. M. O Esporte pode tudo. In: MALINA, A.; CESÁRIO, S. (Orgs.). *Esporte: fator de integração e inclusão social?* Campo Grande, Ed. UFMS, 2013.

PENNA, A. M. *Esporte Contemporâneo: o novo templo do capital monopolista*. Tese (Doutorado em Serviço Social) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

PIRES, G. L.; SILVA, M. R. *Os “negócios olímpicos” de 2016 no Brasil: “O esporte pode tudo?”*. Motrivivência, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, junho-dezembro, 2009.

SILVA, A. M. *Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. 1991.

SOREANO, F. *A bola não entra por acaso: estratégias de gestão inspiradas no mundo do futebol*. São Paulo: Laurosse, 2010.

TAFFAREL, C. N. Z; FIGUEIREDO, E. S. A. *Esporte no Brasil: a disputa dos rumos da política nas conferências nacionais em um período de transição*. Motrivivência, Florianópolis, ano XXV, n. 40, junho, 2013.

TUMOLO, P. S. *O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?* Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 90, 2005.